
Lectio Septima Decima

17.1 A seqüência dos tempos

Um fato de que nem sempre nos damos conta em português é que, em períodos subordinados, não podemos usar livremente os tempos verbais. Por exemplo, não podemos dizer coisas como *Quero que cantasses*, ou *Queria que cante*. O falante do português sabe que deve dizer *Quero que cante* e *Queria que cantasses*. Esse fato ocorre porque o tempo do verbo da subordinada depende do tempo do verbo da principal. Isso é muito importante na sintaxe da língua, essa dependência, essa correlação, essa concordância entre os tempos. Em latim, esse fenômeno também ocorre, e ainda com maior precisão.

Podemos classificar os tempos como primários e secundários. No indicativo, são chamados de tempos primários o presente e os futuros e de secundários todos os passados. Vamos estender essa classificação ao subjuntivo: serão tempos primários o presente e o perfeito, e secundários, o imperfeito e o mais-que-perfeito. Veja essa classificação representada esquematicamente a seguir.

Presente	(1)	Presente	(1s)
Imperfeito	(2)	Imperfeito	(2s)
Futuro	(3)		
Perfeito	(4)	Perfeito	(3s)
M.-q.-perfeito	(5)	M.-q.-perfeito	(4s)
Futuro perfeito	(6)		

De uma outra forma, podemos dizer que os tempos que têm número 1, 3 ou 6 são primários; os tempos com número 2, 4 ou 5 são secundários.

Primários	1 3 6
Secundários	2 4 5

Essa classificação é fundamental em latim, pois, em períodos subordinados, o tempo da oração subordinada deve ter mesma classificação do tempo da principal. Temos, assim, uma *seqüência primária de tempos* e uma *seqüência secundária de tempos*.

Duas outras distinções são importantes em latim:

1) na seqüência primária, o presente do subjuntivo (1s) denota uma ação que ocorre ao mesmo tempo que aquela do verbo da principal, e o perfeito do subjuntivo (3s) denota uma ação que ocorreu antes do tempo da ação da principal:

Intelligo quid dicas.	<i>Entendo o que dizes.</i> <i>(Entendo agora o que dizes agora.)</i>
Intelligo quid dixeris.	<i>Entendo o que disseste.</i> <i>(Entendo agora o que você disse antes.)</i>

Preste atenção nos tempos em latim: 1 - 1s e 1 - 3s, todos tempos primários, com o tempo 1s denotando contemporaneidade com o tempo da oração principal e o tempo 3s denotando anterioridade ao tempo da oração principal.

2) na seqüência secundária, o imperfeito do subjuntivo (2s) denota uma ação que ocorre ao mesmo tempo que aquela do verbo da principal, e o mais-que-perfeito do subjuntivo (4s) denota uma ação que ocorreu antes do tempo da ação da principal:

Intelligebam quid diceret.	<i>Entendia o que dizias. (Entendia então o que dizias então.)</i>
Intelligebam quid dixisset.	<i>Entendia o que tinhas dito. (Entendia então o que você tinha dito antes.)</i>

Observe os tempos em latim: 2 - 2s e 2 - 4s, todos tempos secundários, com o tempo 2s denotando contemporaneidade com o tempo da oração principal e o tempo 4s denotando anterioridade ao tempo da oração principal.

Observe também que, na tradução, não usamos a tradução “crua” dos tempos, mas procuramos outra que denote ou contemporaneidade ou anterioridade das ações das subordinadas. No caso, traduzimos os tempos do subjuntivo por tempos do indicativo (!). Lembre-se disso em suas traduções futuras. Outras traduções com outros tempos poderão ser possíveis, mas a relação de contemporaneidade ou de anterioridade das ações deve ser mantida. Veremos mais exemplos na seção seguinte.

17.2 Orações condicionais

Quando dizemos *Se ele trabalha, ele é feliz*, enunciamos duas sentenças, uma dependente da outra. De fato, podemos dizer simplesmente *ele é feliz* que nosso interlocutor terá com isso uma idéia completa do que queremos dizer. Mas se dissermos apenas *se ele trabalha*, notaremos que algo mais pode ser exigido, e cabe, então, uma pergunta do tipo *se ele trabalha, acontece o quê?*. Pedimos, com isso, mais esclarecimentos, pois a oração não subsiste por si só.

Um período hipotético é um conjunto de orações formado por uma oração principal, chamada de *apódose*, e por uma subordinada condicional, chamada de *prótase*.

Em latim, as duas principais conjunções que introduzem orações subordinadas condicionais são **si** - *se* e **nisi** - *senão, exceto se, a não ser que*. São usadas em três tipos de orações condicionais, cada uma com um tipo diferente de hipótese. Vamos estudar cada uma dessas hipóteses.

17.2.1 Hipótese real

Quando há uma hipótese real, ou tida como real por quem fala, o verbo da condicional fica no indicativo e, geralmente, o da principal também:

Si laborat, pecuniam optat.

Se ele trabalha, ele deseja dinheiro.

Si laborabat, pecuniam optabat.

Se ele trabalhava, ele desejava dinheiro.

Si laboravit, pecuniam optavit.

Se ele trabalhou, ele desejou dinheiro.

Esse tipo de condição é bem clara. Pode empregar também o imperativo na principal. De qualquer forma, sua tradução é simples e imediata.

17.2.2 Hipótese possível

O nosso sentido de condição não é aguçado o suficiente para que distingamos com clareza um tipo de oração condicional de outra. Basta-nos saber que existe uma dada condição. Quando a hipótese era real, tínhamos quase um fato se realizando. Aqui, desejamos expressar um desejo, uma conjetura sobre algo que pode se realizar, possível:

Si laboret, pecuniam optet.

Se ele trabalhasse, ele desejaria dinheiro.

Esse tipo de condicional é bastante comum. O latim emprega o presente do subjuntivo tanto na oração condicional quanto na principal. A tradução é como indicamos: na condicional em português, usamos o imperfeito do subjuntivo, e na principal, o futuro do pretérito. Para não se complicar com a nomenclatura, use a frase acima como exemplo para as orações futuras.

O futuro do indicativo pode ser usado também se o desejo ou a conjetura do falante se projetar no futuro:

Si laborabit, pecuniam optabit.

Se ele trabalhar, ele desejará dinheiro.

Aqui vemos o uso do futuro do *indicativo* latino. Em português, usaríamos o futuro do subjuntivo. A tradução não oferece problemas.

17.2.3 Hipótese irreal

Aqui o falante enuncia algo que sente ser contrário aos fatos presentes ou passados.

A) *No presente:*

Si laboraret, pecuniam optaret.

Se ele trabalhasse (mas não pode), ele desejaria dinheiro.

Note que os dois verbos latinos estão no imperfeito do subjuntivo. A tradução é a mesma de quando a hipótese era possível. No entanto, aqui o falante olha para as condições atuais e vê que a pessoa de quem está falando não pode trabalhar, porque está doente, porque faleceu, porque a pessoa é um personagem que não existe, etc.

B) *No passado:*

Si laboravisset, pecuniam optavisse.

Se ele tivesse trabalhado (mas não trabalhou), ele teria desejado dinheiro.

Note que ambos os verbos estão, em latim, no mais-que-perfeito do subjuntivo. O falante olha para o passado e faz uma conjetura que é contrária aos fatos que aconteceram. Nesse caso, a pessoa de quem fala, no passado, não realizou nenhum trabalho.

Em português, usamos o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na condicional e o futuro de pretérito composto do indicativo na principal. Para não se confundir com a nomenclatura, use o exemplo acima como referência para orações futuras.

Existem ainda outras combinações possíveis de tempos para o período hipotético, mas são apenas combinações das orações acima.

17.3 Exercícios

Para adquirir os exercícios e as respostas dos exercícios relativos a esta lição, escreva para orbpic@gmail.com.